

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLEBER DIAS DE ARAÚJO

**A EDUCAÇÃO NA ERA TECNOLÓGICA: PRODUÇÃO DE AUDIOVISUAL POR
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO PARANÁ**

CURITIBA

2015

CLEBER DIAS DE ARAÚJO

**A EDUCAÇÃO NA ERA TECNOLÓGICA: PRODUÇÃO DE AUDIOVISUAL POR
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO PARANÁ**

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Elson Faxina

CURITIBA

2015

A educação na era tecnológica: Produção de audiovisual por alunos do Ensino Médio da rede estadual de ensino do Paraná

ARAÚJO, CLEBER DIAS DE

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR

Polo UAB de Apoio Presencial em Paranaguá/PR

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre duas experiências de produção audiovisual com alunos do Ensino Médio da Rede Estadual do Paraná. O objetivo foi contextualizar essas experiências no debate sobre novas práticas pedagógicas exigidas pela inserção das novas tecnologias na educação. Parte-se do princípio de que as mudanças ocorridas com a chamada era tecnológica exigem a necessidade de repensar o ensino tradicional em diversos âmbitos, posto que a educação não ficou imune às transformações ocorridas e, nesse sentido, a prática docente deve ser reavaliada sob outros parâmetros, observando as possibilidades, limites e desafios que envolvem o objeto do presente trabalho.

Palavras-chave: Audiovisual. Escola. Experiência. Produção. Tecnologias.

1 INTRODUÇÃO

O objeto de análise desse trabalho compreende duas experiências de prática pedagógica vivenciadas pelo autor em distintos contextos. A primeira ocorreu em dezembro de 2013, através de uma oficina realizada com 12 estudantes de diferentes séries do Ensino Médio da rede estadual de ensino do Paraná. Reunidos na Diretoria de Tecnologia Educacional da Secretaria de Educação do Paraná - SEED-PR, em Curitiba, sob a orientação da Coordenação de Multimeios, esses alunos produziram animações em Stop Motion sobre o tema *Meio Ambiente*.

Na segunda, já em 2015, com alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Emílio de Menezes, em Curitiba, procurou-se reproduzir a mesma metodologia. Dessa experiência faz-se um recorte do trabalho desenvolvido com alunos de uma das turmas de 2º ano do Ensino Médio, durante aulas da disciplina de Filosofia, sobre o conteúdo Teoria do Conhecimento.

Essas duas práticas serão analisadas a partir do conceito de *experiência coletiva do conhecimento*, cuja base teórica está circunscrita em trabalhos do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), autor que se tornou conhecido pela profunda análise das consequências da técnica e das tecnologias na vida social contemporânea.

A partir dos resultados pretende-se entrelaçar e comparar essas práticas, observando até que ponto o conceito aqui suscitado é efetivamente plausível em termos práticos. Outro ponto importante que será explicitado diz respeito aos limites verificados em ambas as experiências, uma vez que a prática pedagógica é sempre dinâmica e envolve situações imprevisíveis, dificuldades que às vezes devem ser dribladas e, apesar de todo planejamento, frequentemente é necessária certa improvisação para superar obstáculos.

Desta forma este trabalho pretende contribuir para o debate educacional fornecendo instrumentos de análise e reflexão sobre a necessidade de repensar o ensino em aspectos fundamentais, tendo em vista as possibilidades que se abrem com as novas tecnologias e como sua inserção na educação pode contribuir para modificar a relação pedagógica entre professores e alunos, bem como destes com o conhecimento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A questão proposta no presente artigo, qual seja, as possibilidades que a integração das tecnologias da informação e da comunicação no ambiente escolar oferece para favorecer a ruptura com a fórmula tradicional de ensino (transmissão/recepção), envolve dois aspectos de um mesmo debate, ambos relacionados ao conceito de *experiência coletiva do conhecimento*. O primeiro aspecto diz respeito ao quadro educacional no qual o tema se insere. Kenski (2007) expõe o problema da seguinte forma:

Em um mundo em constante mudança, a educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes, muito mais do que preparar consumidores ou treinar pessoas para a utilização das tecnologias de informação e comunicação. (KENSKI, 2007, p. 64).

Esta afirmação sintetiza a crise da educação tradicional (ou formal) que tem de lidar com o fato de que os estudantes não são páginas em branco prontas para serem preenchidas. Num mundo em que o acesso ao conhecimento ocorre de forma difusa e diversificada, a escola não mais se coloca como espaço de excelência para o aprendizado. Porém, ao afirmar que “a escola deve, antes, pautar-se pela intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos na busca de conhecimentos” (KENSKI, 2007, p. 66) atinge-se apenas parte do problema, pois se a escola não é mais o espaço onde ocorre a aprendizagem e lugar por excelência de acesso ao conhecimento, todavia, ela ainda é um espaço cujo objeto de trabalho envolve esses dois aspectos: aprendizagem e conhecimento.

Em outros termos, é possível aprender e acessar o conhecimento por diversos meios, porém esse é o ofício da escola. O que se coloca como desafio são o objetivo e o método com que se cumpre tal tarefa. É nesse sentido que se defende o uso das tecnologias dentro de uma perspectiva transformadora¹. Aqui se coloca, enfim, o

¹ Não se defende aqui que o uso de tecnologias é a solução para os problemas educacionais, especialmente no Brasil. Entende-se por transformação uma mudança metodológica que exige uma reflexão sobre o que se faz tradicionalmente. As tecnologias inseridas na educação podem colaborar para que todos repensem suas práticas, busquem novos caminhos, novas propostas, e isso, por si só, já representaria um comportamento distinto no processo educativo.

segundo aspecto do debate proposto: com qual objetivo se propõe o uso de tecnologias?

Na busca por responder a essa pergunta, ainda que de maneira provisória, adota-se aqui o conceito central de *experiência coletiva do conhecimento*, cunhado a partir de reflexões do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940). O autor reconhece dois tipos de experiência: a coletiva e a individual. No ensaio *O narrador* (1936) a experiência coletiva aparece num tipo de relação específica, em que aquele que conta (no caso do professor, aquele que “ensina”) entra em sintonia com aquele que ouve (para o aluno, o ato de “aprender”). A narrativa, para o autor, “não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa, como uma informação ou relatório” (BENJAMIN, 1983, p. 63).

No que consiste, então, a experiência coletiva? Benjamin (1983) alerta que

raras vezes dá-se conta de que a relação ingênua entre ouvinte e narrador é dominada pelo interesse em reter a coisa narrada. O ponto chave para o ouvinte desarmado é garantir a possibilidade da reprodução. (BENJAMIN, 1983, p. 66).

Reter e reproduzir. Duas palavras que, mal interpretadas, podem incorrer em um equívoco. Reter não tem o sentido tradicional de “decorar” e reproduzir não significa a repetição. Para o autor, a figura do narrador se assemelha à “categoria dos professores e dos sábios. Ele dá conselho – não como o provérbio: para alguns casos – mas como o sábio: para muitos. Pois lhe é dado recorrer a toda uma vida” (BENJAMIN, 1983, p. 74).

Como se pode relacionar essa afirmação à atual função a ser cumprida pelo professor imerso numa era marcada por constantes inovações tecnológicas?

A ideia de uma experiência coletiva do conhecimento implica, em primeiro lugar, a busca por uma troca de experiências, na qual o professor (conforme a figura do narrador) deve, ele mesmo, ser capaz de transformar em coletivo aquilo que inicialmente é individual. Em segundo lugar, essa troca deve fundamentar-se na necessidade de retenção (habilidade da memória) e reprodução do próprio processo, isto é, o aluno se torna também capaz de transformar sua experiência individual em experiência coletiva.

No entanto, Benjamin se refere a um contexto em que a linguagem oral era a forma comunicativa por excelência. O aprendizado se dava por uma troca de

experiências que ocorria mediante a fala e a audição, processo básico do que se chama de ensino tradicional. O professor tem algo a ensinar e o aluno tem interesse em aprender. O que ocorre com a figura do narrador é a sua capacidade de fazer com que o conteúdo não seja apenas conhecimento a ser apreendido, desvinculado da realidade, mas algo significativo para o próprio processo de vida de ambos, do professor e do aluno. No contexto das novas tecnologias, esse processo pode ser interpretado como a necessidade de uma formação na qual o professor seja capaz de lidar com o conteúdo de forma interativa, dinâmica, típica de um novo tipo de sociedade, que exige um novo tipo de educação. Conforme afirma Kenski (2007):

O que se propõe para a educação de cada cidadão dessa nova sociedade – e, portanto, de todos, cada aluno e cada professor – é não apenas formar o consumidor e usuário, mas criar condições para garantir o surgimento de produtores e desenvolvedores de tecnologias. Mais ainda, que não apenas aprendam a usar e produzir, mas também a interagir e participar socialmente e, desse modo, integrar-se em novas comunidades e criar novos significados para a educação num espaço muito mais alargado. (KENSKI, 2007, p. 67).

Por espaço mais alargado entenda-se os ambientes virtuais de aprendizagem, mas para o propósito desse trabalho, o que é relevante é a necessidade de saltar da formação de consumidores e usuários para a formação de produtores, indo ainda além, pensando na interação, integração e participação, tripé que compõe a base do processo envolvendo o narrador e seus ouvintes. É nessa perspectiva que se apresenta as duas experiências pedagógicas citadas na introdução desse artigo e que compõem o objeto de análise do mesmo.

Naturalmente, esse novo tipo de educação é um horizonte vislumbrado para o qual o presente trabalho pretende apontar. Conforme se verá no tópico *Resultados e Discussões*, há uma série de dificuldades e obstáculos que desafiam os professores interessados na busca por uma outra prática pedagógica.

3 METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada foi dividida em três etapas. A primeira se consistiu no recolhimento de materiais e informações associadas à experiência desenvolvida

pelo Departamento de Formação dos Profissionais da Educação da SEED-PR, especificamente pela Coordenação de Multimeios², sobre a produção de audiovisuais por alunos das três séries do Ensino Médio da rede estadual³. Ainda nessa etapa foram recolhidos depoimentos de professores que participaram como orientadores da oficina e de outros profissionais da educação que assistiram as apresentações das produções.

A segunda etapa é o relato da experiência do autor deste artigo no exercício da prática docente, cujo recorte será feito a partir do trabalho realizado por uma turma de 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Emílio de Menezes, na cidade de Curitiba, em março e abril de 2015.

A partir dos resultados obtidos, passou-se a terceira etapa que foi a análise dessas experiências observando a contribuição do referencial teórico e dos demais materiais recolhidos durante esses processos, como as produções e depoimentos de participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Experiência 1

Em dezembro de 2013 o Departamento de Formação dos Profissionais da Educação - DFPE da Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/PR desenvolveu um projeto intitulado Laboratório de Produção que tinha como objetivo “integrar a formação técnica e pedagógica no uso das mídias” (PARANÁ, 2013). Ou seja, pretendia averiguar a possibilidade de, em um mesmo processo, proporcionar aos

² Segundo informações presentes no Portal Dia a Dia Educação, a Coordenação de Multimeios foi criada em 2007 e “é composta por professores da rede estadual de ensino e tem como função desenvolver e produzir conteúdos pedagógicos com o objetivo de contribuir e aprimorar com as práticas em sala de aula, por meio de recursos midiáticos, bem como pesquisar tecnologias visando o suporte para ações educacionais propostas pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Atende as demandas oriundas das Diretorias e Coordenações da SEED/PR, na área de produção midiática. Dentre as produções destacam-se: imagens estáticas (fotografia e ilustração) e/ou em movimento (animação), produção gráfica, *webdesign* e produção de áudio (para animações e *Web Rádio Escola*)”. (PARANÁ, 2014).

³ O autor atuou como técnico pedagógico da Coordenação de Produção Multimídia no período de 2012 a 2014 desenvolvendo diversas atividades, participando inclusive na elaboração e execução do projeto objeto de análise deste artigo. Neste sentido, é importante destacar que muitas informações aqui apresentadas são oriundas da memória e de anotações pessoais.

alunos formação técnica para o uso das mídias e formação científica ao se abordar os conteúdos presentes nos currículo.

Para tal finalidade foram reunidos 12 alunos de diferentes séries do Ensino Médio da cidade de Curitiba e Região Metropolitana para uma oficina de 16 horas de duração com a equipe da Coordenação de Multimeios do DFPE⁴. O tema definido pela Coordenação de Apoio a Gestão Escolar da SEED – CAGE foi Educação Ambiental. A oficina organizou-se em 4 etapas.

Primeira etapa: Inicialmente os alunos participaram de uma palestra com duração de 2 horas sobre Educação Ambiental que tematizou conceitos associados ao tema, tais como: sustentabilidade, urbanização, desastres ambientais, entre outros.

Segunda etapa: Após a palestra, os alunos foram divididos em grupos sob a supervisão dos técnicos pedagógicos que atuam na coordenação proponente. Organizados em grupos os alunos foram orientados na construção de um roteiro para a produção de uma animação *Stop Motion*.

Terceira etapa: Depois de confeccionado o roteiro, os grupos passaram à produção com a montagem dos personagens, cenários e captação de imagens para a montagem final das animações. Nesta etapa os técnicos pedagógicos envolvidos no projeto orientaram os alunos passando noções básicas sobre linguagem cinematográfica, fotografia, trilha sonora e sonoplastia.

Quarta etapa: Com a utilização do software *Windows Movie Maker*, disponível nas versões mais recentes do *Windows*, os alunos passaram para o processo de montagem e edição das animações, adicionando trilhas sonoras previamente editadas no software livre *Audacity*. Neste momento os alunos foram orientados pelos professores participantes sobre o manuseio desses *softwares* e sobre o processo de edição e montagem.

Depois de 2 dias de estudos, produções e trocas de experiências, as animações estavam prontas e para finalizar a oficina foi organizada a exibição das produções dos alunos. Aproximadamente 100 pessoas⁵ assistiram ao resultado e

⁴ A equipe da Coordenação de Multimeios é composta exclusivamente por professores da rede estadual de ensino das mais diversas áreas e atuaram no projeto 10 técnicos pedagógicos.

⁵ Foram convidados todos os funcionários do Departamento de Formação para apreciar as produções.

ouviram as impressões, expectativas e aprendizados relatados pelos alunos participantes.

Foram colhidos alguns depoimentos de professores que participaram como orientadores no projeto, os quais se reproduz para posterior análise:

De modo geral, a animação desperta o interesse dos alunos, pois aproxima a sala de aula do cotidiano. A animação está ligada com a televisão, com tecnologia, e com o entretenimento. Nestas oficinas os alunos puderam ver, aprender e fazer todas as etapas do passo a passo do que é produzir uma animação tradicional quadro a quadro, além de noções de fotografia, e sonorização. Nós, professores que participamos desta experiência, pudemos perceber que todos os alunos realmente estavam interessados no assunto, e têm em geral uma enorme facilidade em aprender, desde a sequência da produção, até a utilização dos equipamentos e softwares. Acredito que tenha sido muito proveitoso e prazeroso para os alunos e também para os ministrantes. (PROFESSOR A).

Trabalhar com alunos, no formato oficina, e em número reduzido, é sempre uma experiência motivadora, por se tratar de um público com real interesse pelo conteúdo. (PROFESSOR B).

Os dois depoimentos acima expõem um aspecto desafiador que envolve a experiência analisada. Ambos enfatizam o ‘real interesse’ por parte dos estudantes, supondo um conhecimento prévio sobre o conteúdo e o objetivo do projeto. Porém, não foi esse o caso. Os estudantes não sabiam o tema de sua produção.

Isso pode ser observado, inclusive, nas falas dos próprios alunos que no momento da apresentação fizeram afirmativas como: “Eu não imaginei que eu conseguiria fazer um vídeo sobre sustentabilidade. Eu nem sabia o que era exatamente sustentabilidade”. (Aluna A).

Passa-se agora aos depoimentos de professores que não participaram do projeto, mas assistiram à apresentação das produções dos alunos.

Achei muito interessante e totalmente possível de ser aplicado em sala de aula. Motivador para os alunos. É uma forma alternativa para ser analisada e implementada nas escolas. (PROFESSOR C).

O que mais chamou minha atenção na apresentação dos trabalhos pelos alunos foi o entusiasmo e o orgulho que demonstraram ao exporem suas produções. (PROFESSORA D).

O professor C fala em sala de aula, mas isso supõe a necessidade de repensar esse espaço, pois o ‘real interesse’ de que falaram os dois primeiros depoimentos

talvez esteja ligado exatamente ao fato de que os alunos não estavam em uma sala de aula convencional, mas em um ambiente diferenciado. O orgulho e o entusiasmo de que fala a professora D se deve, em parte, ao reconhecimento de que houve participação efetiva e substancial de todos os envolvidos.

As produções estão disponíveis no Portal Dia a Dia Educação, no link <http://goo.gl/IKMt0w>, e podem ser visualizadas por todos os interessados. Segue abaixo a relação dos títulos e um *frame* de cada uma das produções dos alunos:

FIGURA 1 – PRINT DE TELA COM AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS



FONTE: PARANÁ (2015)

Experiência 2

No início do ano letivo de 2015 foi proposto aos alunos do 2º ano C do Colégio Estadual Emílio de Menezes, em Curitiba, a produção de um audiovisual sobre o conteúdo Teoria do Conhecimento, previsto nas Diretrizes Curriculares Orientadoras do Estado do Paraná – DCE (2008) da disciplina de Filosofia. O conteúdo específico diz respeito a uma questão clássica da História da Filosofia, conhecida como Problema da Verdade. Os alunos tomaram contato com as reflexões dos filósofos gregos Parmênides, Heráclito e Platão. O objetivo era identificar como esses autores entendiam as mudanças constantes que ocorrem na natureza e como resolveram o problema epistemológico que tais mudanças implicam.

O trabalho ocorreu em três etapas.

TABELA 1 – PROCEDIMENTOS E ENCAMINHAMENTOS

Etapas	Procedimentos/Encaminhamentos
Primeira etapa	Os alunos foram mobilizados para o conteúdo, estratégia na qual foram utilizados vídeos, áudios e textos, sempre seguidos de debates e questionamentos sobre o conteúdo dos materiais didáticos. Esse processo durou cerca de 5 aulas de 50 minutos.
Segunda etapa	Divididos em grupos, os alunos usaram as aulas seguinte para a elaboração de roteiros e sanar dúvidas referentes ao conteúdo. Ao mesmo tempo as aulas foram utilizadas para apresentar e capacitar os estudantes que ainda não tinham contato com softwares de gravação e edição de áudio e vídeo.
Terceira etapa	Conforme os grupos finalizavam as produções, essas eram armazenadas em um computador próprio do professor (o autor deste artigo). Alguns grupos encaminharam as produções em <i>pendrive</i> , outros o fizeram via <i>e-mail</i> e <i>Facebook</i> ⁶ .

FONTE: O Autor (2015)

A primeira etapa se dividiu em duas partes, que nas DCE (2008) são compreendidas como: a) mobilização; e b) problematização. Na mobilização foi apresentada a música *Como uma onda*, de Lulu Santos e Nelson Motta, cujo conteúdo permite o questionamento sobre as constantes mudanças que ocorrem na natureza. Em seguida, os alunos expuseram suas impressões, dúvidas e questionamentos sobre a música, visto que alguns não a conheciam, processo que compreende a problematização.

⁶ Em função da greve do magistério estadual, retomada no dia 29 de abril de 2015, não foi possível concluir o trabalho com aplicação de questionário e preenchimento de autorização, por parte dos responsáveis, para disponibilização das produções em uma conta no *Youtube*, a qual seria criada especificamente para isso. No momento em que o autor finaliza este artigo, os professores da rede estadual ainda se encontram em greve, o que significa que a finalização do trabalho ocorrerá posteriormente à entrega da presente versão final.

Na segunda etapa os alunos, organizados em grupos, tinham o objetivo de compor o roteiro para suas produções. Os estudantes já sabiam que produziram um audiovisual desde a apresentação do planejamento bimestral na primeira aula do bimestre, e também já sabiam sobre quais autores teriam que fundamentar suas produções. Assim, passou-se à pesquisa sobre tais autores. Os grupos receberam livros didáticos disponíveis na biblioteca da escola. Nesse processo, o professor auxiliou na compreensão dos textos dos filósofos, respondendo questionamentos e tirando dúvidas. Para auxiliar nesse processo, foi apresentado um vídeo produzido pelo próprio professor, sintetizando as teorias dos autores. Também foi apresentado um vídeo da série *Ser ou não Ser*, produzida pelo programa Fantástico, da Rede Globo, no início da década de 2000, com a participação da professora de filosofia Viviane Mosé, no qual se explica a Alegoria da Caverna de Platão, através da qual o filósofo expõe sua concepção sobre a diversidade que existe na natureza. O vídeo pode ser acessado pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=JfUC97YfZCk>.

A turma tem 28 alunos, com faixa etária entre 15 e 17 anos. Foram organizados 8 grupos, totalizando, portanto, 8 vídeos produzidos com o uso dos *softwares Windows Movie Maker e Audacity*.

4.1 Sobre o processo de produção

Experiência 1

Conforme já exposto, as quatro produções dos estudantes reunidos na DFPE-SEED/PR versam sobre o meio ambiente. Os grupos tiveram um computador *Lap Top* à disposição para testar e aprender a utilizar os *softwares*. Além disso, tiveram orientação de profissionais da educação com formação técnica no uso desses *softwares*, bem como no manuseio de equipamentos como máquinas fotográficas e computadores próprios que alguns levaram para a oficina.

Esse processo tem vários diferenciais em relação ao que ocorre em uma sala de aula regular. Em primeiro lugar, eram apenas 12 alunos, divididos em 4 grupos. Cada qual contou com equipamento próprio. Além disso, havia vários professores (que

exerciam a função de assessores pedagógicos na SEED/PR) para orientá-los. De modo geral, esses elementos facilitaram a realização das produções.

Atente-se para o fato de que a proposta era a realização de uma oficina, ou seja, não se tratava de uma sala de aula tradicional. Também é preciso considerar que esses alunos foram convidados, e tinham conhecimento prévio de que participariam de tal iniciativa. Tinham, portanto, algum interesse, mesmo que não soubessem o conteúdo sobre o qual fariam as produções. Contudo, a relação entre professores e alunos se pautou por um mútuo interesse tanto em tecnologia como no conteúdo. Mais do que isso, os professores tinham conhecimento teórico e prático sobre o uso de tecnologias, e tiveram a oportunidade de compartilhar parte desse conhecimento com estudantes, entre os quais, alguns também já realizavam atividades dessa natureza.

Assim, pode-se afirmar que foram poucas as dificuldades práticas e pedagógicas, visto que se tratava de um público selecionado e de um ambiente totalmente distinto de uma sala de aula convencional.

Experiência 2

O trabalho realizado com a turma mencionada foi o mesmo realizado com as outras cinco turmas da mesma série atendidas pelo professor. A escolha pelo 2º C se deve ao fato de que essa foi a única que conseguiu cumprir os prazos determinados. Esse cumprimento de prazos se deve ao calendário escolar, que permitiu que essa turma tivesse mais aulas que as demais, em função de não ‘perder’ aulas por conta dos feriados que ocorreram entre os dias 9 de março, data do início do ano letivo, e 27 de abril, quando se retomou a greve do magistério estadual.

A primeira observação sobre esse processo diz respeito à dificuldade de realizar oficinas com quase 30 alunos. A diversidade de condições é notória. Poucos alunos tinham conhecimento sobre aspectos técnicos para a produção de audiovisuais, daí a necessidade de reservar aulas para demonstrar a utilização de *softwares*. Outra dificuldade se refere ao fato de que a escola possui apenas dois computadores *Lap Top* e o laboratório de informática se mostra um espaço inviável, uma vez que é utilizado por vários outros professores e não é recomendável reservá-lo para todas as

aulas de filosofia. Então foi feita apenas uma aula no laboratório, para demonstração do uso do *software Audacity*, já instalado nas máquinas.

Desse modo, as produções foram realizadas em computadores domiciliares. Aqui cabe uma observação importante, pois alguns alunos precisaram tirar dúvidas em dias que não havia aula da disciplina de Filosofia, e a solução encontrada foi a comunicação por mensagens via *Facebook*, o que configurou um tipo de interação diferente entre professor e alunos. O mesmo recurso foi utilizado para entrega de trabalhos, uma vez que houve casos em que o aluno responsável pela finalização da produção faltou ao dia da entrega.

A Aluna A, por exemplo, fez o seguinte questionamento pelo *Facebook*: “oi professor, qual o melhor programa para edição de vídeo?”. Ela obteve a seguinte resposta: “Depende. Se quiser um simples, pode ser o *Movie Maker*. Se quiser um com mais recursos, pode ser o *Sony Vegas*, mas esse não é gratuito.” Já a Aluna B enviou a seguinte mensagem: “Oi professor, sou aluna do Emílio, do 2 A. Não vou poder ir pro colégio amanhã, o dia da entrega do trabalho em vídeo. Tem como enviar por *e-mail* amanhã?” O professor respondeu que sim e no dia seguinte o trabalho seria encaminhado por *e-mail*, conforme combinado. Ainda que não tivesse sido planejado, o processo de produção ultrapassou a sala de aula, se estendendo para ambientes virtuais, aspecto frutífero para o debate sobre o uso desses espaços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de duas experiências distintas sob circunstâncias diferenciadas, não é possível atribuir maior ou menor valor a uma e outra. Ao comparar as produções, percebe-se que a experiência 1 teve a vantagem de contar com melhor estrutura e orientação especializada. Com a experiência 2 obteve-se resultados com fragilidades técnicas, em função de não haver o mesmo tipo de acompanhamento. No entanto, no quesito aprendizado, os resultados são semelhantes. Ambas as experiências apoiam a necessidade de refletir sobre um trabalho que envolva a produção planejada, pois se percebe que esclarecer os estudantes de que um determinado conteúdo será objeto de um tipo de produção distinta, que não seja textual na forma convencional da prova, por

exemplo, mas um audiovisual, faz com que o mesmo conteúdo seja tratado também de forma diferenciada.

Na experiência 2, por exemplo, durante a elaboração dos roteiros, foi comum o questionamento: “professor, como adaptar essa ideia para um vídeo?”. Trata-se de um conteúdo que envolve concepções de filósofos dos séculos VI, V e IV a.C., com uma linguagem incomum no vocabulário habitual dos estudantes.

Bem diferente é o caso da experiência 1, que teve também a vantagem de lidar com um conteúdo em voga nos diversos meios de comunicação e também em várias áreas do conhecimento. Assim, um aspecto que se mostrou fundamental é a necessidade de o professor aprender a construir um elo entre o conhecimento teórico e a realidade social. Nesse sentido, no caso da experiência 2, o vídeo e o áudio mencionados na etapa da mobilização foram importantes, pois eram constantemente retomados para ilustrar como determinado autor pensava o problema em questão.

Outro aspecto que se mostrou imprescindível diz respeito à formação do professor. Um trabalho da natureza proposta nas duas experiências exige competências que normalmente não fazem parte da formação inicial dos docentes que atuam no Ensino Básico. Esse aspecto é crucial, pois como orientar a produção de um audiovisual, ou para o uso de mídias em geral, sem que haja domínio técnico e instrumental por parte do docente?

Cabe ainda salientar uma dificuldade inerente à organização do trabalho escolar, especificamente no que se refere ao planejamento e sua relação com o currículo. A produção com o uso de mídias no formato aqui relatado e analisado exige a compreensão de que a ideia habitual de ‘vencer o conteúdo’ deve ser, no mínimo, questionada, tendo em vista que os aspectos que envolvem a produção de recursos como animações e outros audiovisuais absorvem um tempo extra. A pressão cotidiana da rotina escolar pode desestimular o trabalho diferenciado se o professor não estiver consciente de que seu planejamento deve prever esse tipo de prática. Nesse sentido, é interessante que se compartilhe a ideia tanto com a equipe pedagógica como com os demais colegas de trabalho visando a possibilidade, inclusive, de que experiências como essas abram o debate no espaço escolar.

Por fim, enfatiza-se ainda que muitas dificuldades podem advir de um trabalho que se pretenda diferenciado. No entanto, a facilidade com que os estudantes apresentam para lidar com as novas tecnologias é inegável, assim como também é notório o envolvimento de outras pessoas no processo. No caso da experiência 2, foram várias as situações em que estudantes recorreram aos pais, outros parentes e amigos fora do espaço escolar, seja para participar da produção, encenando personagens, por exemplo, ou mesmo para auxiliar em questões técnicas, como detalhes de edição. Assim, constrói-se um cenário em que a prática pedagógica ultrapassa os limites da sala de aula e da escola em vários sentidos, e o uso das novas tecnologias podem conferir novas dimensões ao aprendizado.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **O narrador**. *IN Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares Orientadoras do Estado do Paraná: Filosofia**. Curitiba: 2008.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Paraná. **Portal Dia a Dia Educação**. Disponível em <<http://www.diaadia.pr.gov.br/>> Acesso em mar de 2015.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Paraná. **Projeto Laboratório de Produção**. 2013. Curitiba. Documento de circulação interna.